O ESTADO DE S.PAULO
Publicado em 26/08/2024 - 06:00

Aviação regional tem falências em série e menos passageiros

Transporte aéreo **Modelo em crise**

Aviação regional acumula falências e o número de passageiros encolhe

Desde o ano 2000, quase 30 empresas deixaram de operar no País: restaram três; e o número de passageiros caiu de 7,57% para 4,8% do mercado doméstico

ELISA CALMON
SÃO PAULO
LUIZ ARAÚJO
BRASÍLIA

A aviação regional voltou aos holofotes no Brasil recentemente por um motivo trágico: o acidente com a Voepass que matou 62 pessoas. Com problemas históricos, o modelo, considerado essencial para integrar o País, vive seu pior momento em décadas. Desde o início dos anos 2000, quase 30 companhias desse setor encerram suas atividades, conforme levantamento feito pelo *Estadão/Broadcast*. O número de passageiros transportados, que representava 7,57% do mercado doméstico no ano 2000, vem caindo década após década, ficando em 4,8% em 2023, a menor participação em 23 anos.

Esse recuo mostra que a oferta das aéreas que encerraram as atividades não foi assumida por outras companhias. Atualmente, o mercado brasileiro conta com apenas três companhias aéreas exclusivamente regionais: Abaeté, Azul Conecta (subsidiária da Azul) e a própria Voepass.

Os desafios financeiros e operacionais atingem a aviação como um todo, com destaque para o alto custo do combustível, a exposição elevada ao câmbio e a judicialização excessiva. No entanto, especificidades agravam a situação para as regionais, segundo Adalberto Febeliano, engenheiro e mestre em Economia do Transporte Aéreo. "O setor é desafiador por natureza, mas a aviação regional é ainda mais problemática. Vemos um ambiente tóxico e particularmente difícil para elas", afirma.

Lacuna
Faltam políticas públicas de estímulo para o segmento, dizem especialistas

CUSTOS EM DÓLAR. Um dos pontos ressaltados pelo especialista é o fato de as empresas regionais terem receita exclusivamente em real, enquanto os custos do setor são em dólar. Febeliano complementa que a aviação regional utiliza aviões menores, o que reduz a capacidade de distribuir os elevados custos fixos entre os passageiros. Além disso, opera, normalmente, rotas de menor densidade.

Entre as despesas fixas, ele ressalta as relacionadas à segurança. "A regulamentação é cada vez mais rigorosa, o que é bom. Só que a segurança não é de graça e aumenta muito a complexidade de administrar uma empresa aérea."

A falta de concorrência e de infraestrutura, com carência de aeroportos regionais, também entra na lista de desafios para as empresas aéreas regionais, na avaliação de João Marcos Coelho, ex-funcionário da Empresa Brasileira de Infraestrutura Aeroportuária (Infraero) e gestor de aeroportos.

Para especialistas, apesar de o governo ter feito alguns movimentos em relação a incluir incentivos por meio da reforma tributária em regulamentação, há no País hoje uma falta de políticas públicas que estimulem o setor, até mesmo com subsídios, que foram importantes para esse mercado no passado. ●

Veículo: Impresso -> Jornal -> Jornal O Estado de S. Paulo

Seção: Economia e Negócios **Caderno:** B **Pagina:** 1

Copyright © Clipclap 2025.